



cultur

Revista de Cultura e Turismo

Artigo:

**“É FOLIA DA ILHA, É FOLIA DO SANTO”¹: TURISMO CULTURAL E A
FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO
ARARI – ILHA DO MARAJÓ/ PARÁ**

Autores:

Diana Priscila Sá Alberto²
Karla Cristina Damasceno de Oliveira³

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistacet@hotmail.com

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

CULTUR – Revista de Cultura e Turismo

CULTUR, ano 03 – n. 02 – abril/2009

www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

¹ Os versos fazem parte da letra “Capitulador” composta por Toni Soares, Ronaldo Silva e Junior Soares, gravada no CD Folias de Marajó pelo grupo Arraial do Pavulagem (2001).

² Bacharel em Turismo pela UFPA. Especialista em Planejamento de Áreas Amazônicas (NAEA, UFPA). Consultora associada da Consultur. Discente do curso de mestrado Planejamento do Desenvolvimento – PLADES / NAEA/UFPA) diana@centralamazonia.com

³Bacharel em Ciências Contábeis pela UFPA; Bacharel em Turismo pela UFPA; Especialista em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo (UFPA); Consultora associada da Consultur;. Docente do Curso de Turismo da Faculdade Pan Amazônica – FAPAN. karla@centralamazonia.com

RESUMO

Este estudo trata da Festividade de São Sebastião como possibilidade desencadeadora da atividade turística no município de Cachoeira do Arari - Ilha do Marajó/ Pará. O objetivo é estudar a Festividade, que acontece anualmente no período de 10 a 20 de janeiro, analisando-a a partir da perspectiva do turismo, aliada à possibilidade de formatação do evento em produto turístico. A metodologia do trabalho dividiu-se em três etapas: levantamento bibliográfico em livros, dissertações e pesquisa eletrônica; observações feitas em campo desde o ano de 2004 (embora o interesse pelo desenvolvimento do trabalho ainda não tivesse sido despertado, as observações foram registradas através de imagens e da memória, e sistematização das informações). O artigo está estruturado em quatro partes que abordam a questão do turismo e sua relação com a cultura; a Ilha do Marajó; a cidade Cachoeira do Arari e a Festa de São Sebastião e as considerações finais.

PALAVRAS CHAVE: São Sebastião; Cachoeira do Arari; Ilha do Marajó; Turismo.

ABSTRACT

This study tries the Festivity of Saint Sebastian as possibility to unleash of the activity tourist in the town of *Cachoeira do Arari – Marajó Island /Pará*. The objective is going to study the Festivity, that happens annually in the period of 10 to 20 of January, analyzing it from the perspective of the tourism, ally to the possibility of shape of the event in tourist product. The methodology of the work divided itself in three phases: bibliographical hoist in books, dissertations and electronic research; observations made in field since the year of 2004 (although the interest by the development of the work still had not been awake, the observations were recorded through images and of the memory, and systematization of the information). The article is structured in four part that approach the question of the tourism and its relation with the culture; the *Marajó Island*; the city *Cachoeira do Arari* and the Party of Saint Sebastian and the final considerations.

KEYWORDS: Saint Sebastian; Cachoeira do Arari; Marajó Island; Tourism.

1. INTRODUÇÃO

O município de Cachoeira do Arari está localizado no centro da microrregião dos Campos da Ilha do Marajó e, como em toda a Ilha, ainda concentra grande parte dos usos e costumes típicos da região, muitos deles retratados nas instalações do Museu do Marajó. Às margens do Rio Arari e cercada por fazendas criadas ainda no período colonial, Cachoeira do Arari apresenta, como os demais municípios da Ilha, graves problemas de ordem econômica e social apesar de sua enorme riqueza ambiental e cultural que, mal exploradas, não contribuem para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes.

É nesse contexto que a atividade turística, calcada em políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento local, pode se tornar uma grande aliada na busca por melhores oportunidades e condições de vida para seus habitantes.

Com essa premissa, iniciou-se em 2004 um processo de observação da Festividade de São Sebastião, maior evento do município, este representa um elemento essencial na cultura da cidade e da Ilha do Marajó. O aumento crescente do número de participantes, a cada ano, exige que a administração municipal tenha uma atuação mais efetiva no sentido de melhorar a infra-estrutura da cidade e o conforto e segurança dos visitantes e moradores. Todavia, isto não acontece, mas acredita-se que atividade turística ligada à identidade cultural da festa pode melhorar essas condições.

Assim, este trabalho se desenvolve com o objetivo de apresentar a Festividade a partir da perspectiva do turismo cultural congregada à possibilidade de formatação do evento em produto turístico cultural. A metodologia do trabalho dividiu-se em três etapas: levantamento bibliográfico em livros, dissertações e pesquisa eletrônica; observações de campo no período de 2004 a 2007. Em 2007, foi realizado um segundo retorno ao campo, para entrevistas. Na terceira e última etapa realizou-se a sistematização das informações.

2. TURISMO E CULTURA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

A relação entre os indivíduos e as viagens remonta à pré-história. Naquela época, o que criava a necessidade das viagens era a busca por alimentos e abrigo. Na Antiguidade, as viagens poderiam ser motivadas por interesses políticos e por interesses econômicos. Durante o Império Romano (27 a.C 476 d.C) existia, para a elite, um padrão bastante amplo de viagens voltadas para o prazer e para a cultura. Segundo Barretto (2003) a construção de estradas entre o século II a.C e o século II d.C foi determinante para que os cidadãos romanos viajassem.

Segundo Avighi (2000), atualmente a capacidade de armazenamento de informação é característica dessa nova geração. Desse modo, as tecnologias, transformaram, e ainda estão a modificar, a atividade turística. A globalização é um dos elementos que estão marcando a revolução da sociedade moderna, e nesse intuito, a cultura também sofre com essas transformações. E desse modo a cultura, elemento “redescoberto” (em muitos casos com ‘invenções de tradições’²) se torna um elemento a ser explorado pela atividade turística.

Definir turismo, desde o principio de sua história, ainda é um trabalho que muitos estudiosos possuem. A tarefa de sistematizar turismo é contínuo, pois a atividade possui diferentes maneiras de se colocar perante a dinâmica social e econômica da sociedade. A palavra ‘turismo’ (*tourism, touris* – vem de *tour*, que significa viagem em circuito; deslocamento de ida e de volta); tem origem francesa e foi utilizada pela primeira vez em 1760, na Inglaterra (ROSE, 2002). As atividades que hoje se entende como sendo ‘turísticas’ tiveram início na Inglaterra, no século XVIII.

Alguns autores pensam ser difícil chegar a uma definição abrangente e definitiva, por ser a atividade turística um fenômeno dinâmico e complexo, o que o torna impossível de ser expresso corretamente. Beni (2002, p.37) revela que o turismo é “[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como, e a que preço”. Segundo a Organização Mundial de Turismo – OMT, órgão da Organização das Nações Unidas - ONU, turismo é:

²Termo utilizado por Hobsbawm. Refere-se, em sentido amplo, a tradições inventadas/ construídas; práticas de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar valores e normas de comportamento e estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

[...] Um conjunto de atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e paradas em diferentes lugares, que não o seu habitat, por um tempo consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outros motivos, sem fins lucrativos (*apud* ROSE, 2002, p.2)

A atividade turística se compõe a partir desta visão econômica. O século XX foi o de maior desenvolvimento deste setor, que se constitui em atividade econômica a partir da organização da viagem. “[...] A partir da década de 50 o turismo passa a ser uma das principais atividades econômicas do século [XX], competindo com a indústria petrolífera e bélica” (FIGUEIREDO, 1999, p. 46). É uma atividade geradora de divisas, que movimentava diversos setores da economia, e que aumenta a oferta de empregos. No entanto causa, também, danos ao mercado local, a cultura e degradação ambiental.

Hoje, o turismo é também entendido sob seu aspecto social e cultural, devido à possibilidade de influir na melhoria da qualidade de vida das populações das áreas visitadas, no que se refere à utilização que estas comunidades podem fazer das infra-estruturas básicas e turísticas, além de preservação das manifestações culturais. Por outro lado, pode provocar: degradação e destruição de recursos naturais; perda de “autenticidade” cultural; e dependência do capital decorrente do turismo. Daí a necessidade de se planejar a atividade turística.

Através da cultura orienta-se o desenvolvimento local a partir das diferenças existentes na sociedade pós-moderna. A cultura é moldada também pelo turismo, através dos meios de comunicação, numa relação em que as linguagens da mídia utilizam o viés cultural para lançamento de produtos. A origem desta nova relação está no processo em que símbolos são criados, vendidos e consumidos a partir dos meios de comunicação. São inseridos, assim, novos elementos na identidade, que se estabelecem de acordo com a segmentação.

De acordo com a OMT (*apud* ROSE, 2002), o turismo cultural seria a procura por estudos, cultura, artes cênicas, festivais, monumentos, sítios históricos ou arqueológicos, manifestações folclóricas ou peregrinações. Turismo cultural seria todo turismo em que a principal atração não seja a natureza, mas determinados aspectos da cultura humana, como a arquitetura, a religiosidade e a gastronomia. Desse modo, toda essa gama de elementos pode ser agrupado no que se denomina de patrimônio cultural.

No entanto, a idéia de patrimônio cultural não diz respeito apenas aos bens tangíveis, ou às manifestações artísticas produzidas pelas classes dominantes. Mas também ao patrimônio imaterial e a todo o fazer humano encontrado, sobretudo, nas classes dominadas, onde a cultura implica, também, uma relação de poder, e o conflito pode ser considerado como um de seus ingredientes. A dinâmica do patrimônio cultural, seja material ou imaterial, se faz presente no desenvolvimento da cultura de uma maneira geral.

Entendendo a cultura através de formas de representações e determinismos simbólicos (LARAIA, 2005), a diferenciação entre a produção material e a simbólica, não-palpável, se dilui, pois é muito fácil verificar que os bens materiais carregam consigo uma grande carga simbólica – histórica, artística, mística, religiosa, política, social, econômica. Essa riqueza de carga simbólica irá caracterizar os produtos da cultura e a fará ser reconhecida como única. É a partir deste simbolismo que se tem a festividade de São Sebastião, como elemento cultural, e possivelmente turístico.

3. ILHA DO MARAJÓ: A BARREIRA DO MAR

Quase um século antes da fundação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, exploradores espanhóis já haviam estado na foz do Rio Amazonas e arredores da Ilha do Marajó. Segundo Miranda da Cruz (1987) esse período é marcado por tentativas de identificação e incorporação de territórios do litoral brasileiro por exploradores estrangeiros, especialmente espanhóis, holandeses e portugueses.

As terras do Marajó, referentes à Microrregião do Arari, foram as que primeiro sofreram o processo de colonização, representado, principalmente, pela atividade missionária de diversas ordens religiosas, em especial os jesuítas. Os missionários não restringiam suas atividades à catequese e ampliaram ao cultivo de produtos agrícolas e à pecuária. Miranda da Cruz (1987) informa que os religiosos logo se tornaram grandes proprietários de terras, em que empregavam mão-de-obra indígena e negra. A Companhia de Jesus fundou a primeira povoação, chamada de Joannes, onde foram feitas as primeiras construções em pedra.

A Ilha do Marajó situa-se no extremo norte do Brasil, na foz do Rio Amazonas, limitando-se com o Oceano Atlântico. De acordo com Miranda da Cruz (1987), está compreendida entre os meridianos de 48° e 51° Oeste e entre os paralelos de 0° e 2° Sul, com uma superfície de 59.308 Km², área equivalente a do estado do Espírito Santo. Insere-se no conjunto de Ilhas que formam o maior arquipélago flúvio-marinho do mundo, com uma área total de cerca de 62.000 km², juntamente com as Ilhas de Caviana (com 5 mil km²) e Mexiana (com 1,5 mil km²). Abriga 12 municípios e está dividida em duas micro-regiões: a leste está localizada a região dos campos, a oeste localiza-se a região dos furos.

O arquipélago do Marajó, segundo o relatório de atividades do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC (BRASIL. Instituto, 2004), ocupa grande parte do estuário do Rio Amazonas. Os rios possuem importante papel na cultura marajoara, influenciando no transporte, na alimentação e na cultura dos habitantes. As estações do ano - inverno e verão - influenciam na hidrografia e na vida do marajoara. Durante o inverno, que ocorre no primeiro semestre, as chuvas são fortes e com maior frequência. As águas dos rios transbordam e o aumento do volume d’água transforma a vida da Ilha: os campos viram lagos e os peixes de rio “misturam-se” (MIRANDA DA CRUZ, 1987) aos de mar e espalham-se, o que dificulta a pesca. No verão os rios e lagos secam, algumas cabeças de gado morrem e o solo racha, fazendo surgir as “terroadas”³.

Dentre os elementos culturais⁴, destacam-se os desenhos marajoaras são encontrados, principalmente na região dos campos e, de acordo com Fares (2003, p. 116) “são a expressão popular registrada: a marca do Marajó, o ícone maior”. Ruínas do período colonial são encontradas em antigas fazendas dos religiosos como a dos mercedários, jesuítas e dos carmelitas e também em ruínas de engenhos de açúcar, igrejas e de edificações pertencentes ao segundo ciclo da borracha, quando a região abrigou imigrantes em busca de trabalho nos seringais (BRASIL. Instituto, 2004). Todos esses elementos são categorias culturais importantes.

³ Sulcos e alteamento dos terrenos (MIRANDA DA CRUZ, 1987, p. 47).

⁴ Estes podem ser vistos no Museu Padre Giovanni Gallo (Cachoeira do Arari), que apresenta o viver e modo marajoara.

4. GLORIOSO SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO ARARI

Cachoeira, localizada na micro-região do Arari, é um dos municípios do Marajó onde as manifestações culturais e os hábitos tradicionais marajoaras são mais preservados. Os primeiros habitantes da região do Arari, conforme indícios foram os índios Aruãs, também denominados Homens do Pacoval, por ser este local um dos pontos que conserva os vestígios mais acentuados da passagem dos silvícolas pela região. A colonização dessa região teve início com o processo missionário iniciado pelos padres da Companhia de Jesus, a partir de 1700, conforme relatos de Miranda da Cruz (1987). Até hoje a igreja católica exerce forte influência nesta área.

O povoado surgiu a partir da fazenda que pertenceu ao Capitão-Mor André Fernandes Gavinho, que após obter uma Sesmaria, escolheu o local para construir sua casa em frente a uma cachoeira do Rio Arari (MIRANADA DA CRUZ, 1987). Em 6 de outubro de 1924, através da Lei n.º 2.274, o Município de Cachoeira do Arari foi elevada à categoria de cidade e, em 1935 foi criado o município de Cachoeira do Arari. Assim como, a maioria das cidades marajoaras, Cachoeira sofreu grande influência católica.

Cachoeira do Arari está localizada na Microrregião do Arari do Marajó, que abrange os Campos Naturais, que durante o inverno amazônico ficam inundados. Esses campos possuem grandes fazendas. Nesse sentido, segundo o INRC Marajó (BRASIL. Instituto, 2007) 72,8% da economia do município está baseada na pecuária. A criação de gado bovino e bubalino é uma das maiores do Estado, sendo que sua produção é destinada, quase que exclusivamente, para o mercado externo.

O vaqueiro marajoara (espécie de trabalhador do campo) é figura importante na região, e representa parte da cultura da Ilha do Marajó. Além desta figura, outras manifestações culturais da região são representadas pelos bois-bumbás, dentre eles destaca-se: O Boi-Gaiato e Boi Mina de Ouro. Todos esses símbolos culturais fazem parte da cultura marajoara, e são aspectos relevantes para o turismo cultural.

O Levantamento da Oferta Turística de Cachoeira do Arari, elaborado pela Companhia Paraense de Turismo – Paratur (PARÁ. Companhia, 2003) fornece informações gerais sobre as potencialidades turísticas do município e deveria ser utilizado como documento norteador de possíveis ações a serem desenvolvidas pela Secretaria de Turismo municipal. Não existe, até o momento, nenhum produto turístico

formatado, mas o município dispõe de oferta em potencial podendo receber turistas dos mais diversos segmentos, conforme Levantamento (PARÁ. Companhia, 2003, p. 15). Dentre os segmentos destaca-se: pesca – esportiva, turismo cultural, arqueoturismo etc.

Poucas são as ações voltadas e interligadas para o turismo, através da Secretaria de Turismo, sendo que esta está ligada a Cultura e ao Meio Ambiente. Não existindo projetos ligados ao turismo cultural, para a cidade, como foi visto em campo. Pôde-se perceber que existe um mal planejamento na secretaria, devido a sobrecarga de trabalho, assim como, da falta de informações coerentes.

No que concerne a figura de São Sebastião, tem-se que assim como São Jorge, esse foi um grande soldado e Santo, e que teve auge nas Igrejas Católicas e Ortodoxas. O sebastianismo, no Brasil, tem sua representação ligada a São Sebastião, porém alguns historiadores (Enéas Athanázio) contesta esta discussão (ESPIG, 1998). O estudo das imagens de Santo no Brasil também está ligado aos navegantes, que traziam imagens destas em suas embarcações.

As festas em homenagem a Santos são comuns a qualquer sociedade católica. Estes eventos chegaram ao Brasil no período colonial e aconteciam ainda dentro das embarcações, onde eram comuns as homenagens ao Santo do dia. Ramos (2001 p. 905) em seu estudo sobre festas a bordo de embarcações portuguesas nos séculos XVI e XVII, informa que as festas aconteciam em função da necessidade de entrosamento entre as pessoas que estavam nas embarcações “[...] havia o hábito de se festejarem os dias dos Santos, como Santo Antônio, São João Baptista [...] com a maior solenidade que podia haver no mar”.

Foi identificado neste estudo, que a festa produz uma identidade ampla, caracterizada pelas sociedades comunitárias. Ferlini (2001, p. 449) informa que as origens das festas estão “[...] nos ritos que buscavam interferir nos ciclos naturais para o provimento da subsistência [...] momentos de agradecimento ou de súplicas à natureza, elos de ligação entre o imponderável, visto como divino/ sagrado e o homem impotente”. Nos engenhos na época colonial, estas festas eram utilizadas para representar o poder senhorial. No Brasil, existe diversas festas de Santo, na Ilha do Marajó especificamente, estas podem estar associadas a pecuária, ou a vida difícil do marajoara, suposições estas que não abalam a fé destes indivíduos.

De acordo com Barros (2003) no contexto cultural amazônico, as festas de Santo estão configuradas segundo um modelo litúrgico constituído a partir das missões jesuítas dos séculos XVII por todo o percurso missionário na região. A partir da liturgia católica, implementadas na região Amazônica pelas ordens missionárias, as festas de Santo foram configuradas, assumindo características particulares de cada localidade em que foram criadas.

Não se sabe ao certo desde quando acontece esta festividade em Cachoeira, mas acredita-se que aconteça a mais de cem anos. É uma das mais expressivas da Ilha e reúne, de 10 a 20 de janeiro, pessoas de todos os cantos do Marajó, do Pará e de outros estados do Brasil. Embora o dia do Santo seja 20 de janeiro, a preparação da festa começa seis meses antes (em junho), quando um grupo de foliões percorre casas, fazendas e retiros da região rezando ladainhas (em latim) e cantando folias, na chamada esmolação, com o fim de arrecadar recursos e donativos para os dias de festa.

A cronologia da festa se desenvolve em torno do levantamento e derrubação dos mastros. No dia 15 de novembro os juizes do mastro (pessoas que conseguem pegar a bandeira do mastro no fim da festa do ano anterior) organizam os grupos para retirar, da mata, as árvores que serão transformadas em mastros, em número de três: o dos homens, o das mulheres e o das crianças. Os troncos ficam no Retiro Espírito Santo, “secando”, até a terceira segunda-feira de dezembro (segunda – feira após o Círio), quando são trazidas para a cidade em procissão regada a leite de onça (mistura de leite de vaca ou búfala com álcool, açúcar e vanilina) e muita música.

A dinâmica da festa de São Sebastião se faz em torno do grande número de devotos que seguem a imagem. Assim, que esta chega a cidade é levada pela multidão de pessoas que estão preparadas (sujas com amido de milho, lama etc) para louvar o Santo. Dentro da programação da festa está o arraial, dança, comidas e bebidas típicas da região, como o leite de onça, frito do vaqueiro⁵, além de brincadeiras que fazem parte da festa. Ocorre uma disputa para se ter a bandeira, para que seja realizada a festa no próximo ano.

⁵ Carne frita com sal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística está se tornando um dos instrumentos mais importantes da sociedade moderna assim como a cultura, que está sendo utilizada pela atividade turística com um novo viés de pesquisa e de estudos. Desse modo, esse trabalho se configurou em mais um conjunto de integração de diferentes elementos que contribuem em novos conhecimentos nessas diferentes áreas.

O fator econômico ainda é um componente que está diretamente ligado à atividade turística, mas devido a novos estudos, a pesquisa - principalmente na área antropológica e sociológica – está, aos poucos, fazendo parte do estudo do turismo. Isto se faz importante, porque o estudo epistemológico do fenômeno turístico, assim como o estudo interdisciplinar, permite inserir outras ciências em sua dinâmica.

No que diz respeito ao turismo cultural, este ainda não acontece na cidade, assim como, o turismo que se chama de convencional, porém isto não é exclusividade de Cachoeira do Arari, em todas as cidades marajoaras, mesmo naquelas que se dizem turísticas (Soure e Salvaterra). Este, ainda é uma realidade que este estudo pretende mudar, para que assim, o turismo, seja ele de qualquer segmento, como o turismo cultural possa se tornar um meio de desenvolvimento social, econômico e cultural para a região.

A Ilha do Marajó foi a primeira área a ser descoberta pelos europeus. A paisagem marajoara é uma das mais diferentes da região Norte, tanto do seu aspecto natural, como o cultural. Assim, a Ilha torna-se um possível produto turístico para ser trabalhado. Isto, através de incentivos do poder público (prefeitura, secretarias de turismo, cultura e lazer), fomentar o conhecimento de educação para o turismo nas escolas locais, além também de incentivar o cooperativismo, para desenvolver a atividade turística.

A Festa de São Sebastião se configura com diferentes realizações em todo Brasil. Especificamente em Cachoeira do Arari, é muito mais que uma festa católica, é uma grande congregação da cultura cachoeirense e marajoara. Representa todas as tradições e crenças de um povo que tem na religião uma fonte de apoio e de apelo para os males da vida.

REFERÊNCIAS

- ARRAIAL do Pavulagem; COMISSÃO de São Sebastião. **Folias do Marajó**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2001. 2 CD's.
- AVIGHI, C. M. Turismo, globalização e cultura. In LAGE, B. H. G; MILONE, P. C. (Org.). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Editora Atlas, 2000. p. 102 a 106.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Editora Papirus, 2003.
- BARROS, L. **Música e Identidade na Festa de Santo Alberto em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, AM**. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2003.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Dossiê do Levantamento Preliminar das Manifestações Culturais da Ilha do Marajó - INRC Marajó**. Belém: IPHAN, 2007. No prelo.
- _____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Marajó - conhecer e preservar. **Relatório de atividades do Inventário Nacional de Referências Culturais da Ilha do Marajó**. Junho a dezembro. Belém: IPHAN, 2004.
- ESPIG, M. J. São Sebastião, o “Rei da Glória”: o Santo do contestado. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, v.2, nº 2, jul./ dez., 1998, p. 18-36. Disponível em: <http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>. Acesso em: 04 abr. de 2007.
- FARES, J. A. **Cartografias Marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. 248 f. 2003. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- FERLINI, V. L. A. Folgedos, férias e feriados: aspectos socioeconomicos das festas no mundo dos engenhos. In: JANCSÓN, I; KANTOR, I. (Org.). **Festa: cultura & sociabilidade na América portuguesa**. Vol II. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. pg. 449-463.
- FIGUEIREDO, S. L. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.
- HOBSBAWM, E. A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 09 - 23.
- MIRANDA DA CRUZ, M. E. **Marajó, essa imensidão de ilha**. São Paulo: edição do autor, 1987.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 18º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

PARÁ. Companhia Paraense de Turismo - PARATUR. **Levantamento da oferta turística de Cachoeira do Arari**. Belém: PARATUR, 2003.

RAMOS, F. P. O festejo dos Santos a bordo das embarcações portuguesas dos séculos XVI e XVII: sociabilização ou controle social? In: JANCSÓ, I; KANTOR, I. (Org.). **Festa**: cultura & sociabilidade na América portuguesa. Vol. II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. p. 905-915

ROSE, A. T. de. **Turismo**: planejamento e marketing. São Paulo: Editora Manole, 2002.

Recebido: Agosto de 2008

Avaliado: Setembro de 2008

Aprovado: Indicado como um dos melhores trabalhos do II Seminário de Pesquisa em Cultura e Turismo - Novembro de 2008